

**A TELENVELA *LADO A LADO* E O DEBATE DE AÇÕES AFIRMATIVAS NO ANO DE 2012: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DOS SENTIDOS NA RELAÇÃO ENTRE VIDA E ARTE**

**Ana Carolina Siani<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma análise dialógica do discurso sobre racismo e desigualdade racial da telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012), tendo em vista as relações interdiscursivas que a obra televisiva estabelece com o contexto social e político do ano de 2012, marcado fortemente pelo debate sobre Ações Afirmativas e cotas raciais nas universidades brasileiras. Para tanto, nos ancoramos nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos realizados no interior do Círculo de Bakhtin, tomando a telenovela enquanto enunciado em seu caráter dialógico, que reflete e refrata os embates sociais e é marcada pelo horizonte ideológico que a circunda. Neste aspecto, é que tomamos o cotejo como caminho metodológico para compreensão do discurso da telenovela, de modo a refletir em que medida a obra televisiva “responde” ao discurso sobre racismo e desigualdade racial no cenário social e político de 2012.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos bakhtinianos; Telenovela; Discurso; Racismo; Desigualdade Racial.

**RESUMEN:** El presente artículo propone un análisis dialógico del discurso sobre racismo y desigualdad racial de la telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012), teniendo en vista las relaciones interdiscursivas que la obra televisiva establece con el contexto social y político del año 2012, marcado fuertemente por el debate sobre Acciones Afirmativas y cuotas raciales en las universidades brasileñas. Para eso, nos anclamos en los presupuestos teórico-metodológicos de los estudios realizados en el interior del Círculo de Bakhtin, tomando la telenovela como enunciado dialógico, que refleja y refractan los embates sociales y está marcada por el horizonte ideológico que la circunda. En este aspecto, es que tomamos el cotejo como camino metodológico para comprender el discurso de la telenovela, para reflejar en qué medida la obra televisiva “responde” al discurso sobre racismo y desigualdad racial en el contexto social y político de 2012.

**PALABRAS-CLAVE:** Estudios bakhtinianos; Telenovela; Discurso; Racismo; Desigualdad Racial.

### **Considerações Iniciais**

Considerando a relação entre vida e arte a partir de uma perspectiva dialógica do discurso, é seguro dizer que a vida confere sentidos à arte, bem como a própria arte faz parte da vida social do homem, sendo constituída por um dado horizonte ideológico de uma época e refletindo em seu interior a consciência social que a circunda, bem como refrata e distorce essa realidade enquanto enunciado eticamente valorado (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009; MEDVIÉDEV, 2012).

É por meio desta principal problemática que o presente artigo reúne reflexões baseadas em pesquisa<sup>2</sup> acerca do discurso sobre racismo e desigualdade racial no Brasil que constitui a

---

<sup>1</sup>Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) da Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus Araraquara (FCLAr / UNESP). E-mail: [anasiani@outlook.com](mailto:anasiani@outlook.com).

<sup>2</sup> As reflexões que compõem o presente artigo fazem parte do trabalho *Entre transgressões e consensos: a relação entre ética e estética no caso da telenovela Lado a Lado no âmbito do debate de Ações Afirmativas no ano de 2012* (Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da

telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012). Assim, o trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção de sentido da telenovela, tendo em vista seu período de exibição, de setembro de 2012 a março de 2013; e as relações interdiscursivas que a obra televisiva estabelece com o contexto social e político do ano de 2012, marcado fortemente pelo debate sobre Ações Afirmativas e cotas raciais nas universidades federais brasileiras.

Deste modo, buscamos realizar uma análise dialógica do discurso em *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012), considerando que a obra tem como principal eixo narrativo os primeiros anos do século XX e os desdobramentos sociais e políticos da recente abolição da escravidão no Brasil; compreendendo a narrativa em sua relação com as discussões que ocorriam na mídia brasileira sobre cotas raciais em 2012, impulsionadas pelo julgamento realizado pelo Supremo Tribunal de Justiça (STF) acerca de uma suposta inconstitucionalidade das políticas de Ações Afirmativas, a partir do qual, foi possível compreender uma produção de discursos sobre a marginalização sistemática da população negra e as desigualdades raciais nas instâncias da vida e da arte.

### **A relação entre enunciado e vida na constituição dos sentidos**

Assumindo uma perspectiva dialógica da linguagem e lançando mão dos estudos realizados no interior do Círculo de Bakhtin, Medvédev e Volochínov, primeiramente podemos considerar que os sentidos de um texto não estão prontos nem acabados, ou seja, não são os primeiros ou últimos, mas em vez disso, fazem parte de uma complexa cadeia de outros sentidos, que se multiplica infinitamente, resguardando toda essa historicidade. Logo, e como sugere Bakhtin (2011), a compreensão de um texto e de seu discurso pode se dar no cotejo deste com outros textos. Sobre este caminho metodológico da compreensão, é interessante notar que o próprio processo de interpretação e de leitura de um enunciado por nós já envolve um correlacionamento e estabelecimento de relações entre textos, isso porque, “cada palavra (cada signo) do texto leva além dos seus limites” (BAKHTIN, 2011, p. 400).

A partir da noção de cotejo encontrada em Bakhtin (2011), podemos compreender o processo de compreensão como ativo e criador, pois o mesmo dá sequência à criação do autor

de um dado texto, vai além e atualiza os seus sentidos, dando-lhe novos contextos, uma vez que aquele enunciado passa a ser pensado a partir de um contexto novo (o meu atual).

Neste seguimento, é importante pontuar que a ideia de compreensão a partir de uma perspectiva bakhtiniana, refere-se a uma procura por sentido, a partir de um alargamento e aprofundamento do texto. Aqui, a compreensão pode ser tida também como um ato responsivo e valorativo, de atribuição de valores pelo interlocutor, uma vez que envolve um “eu” colocando-se como participante da cadeia comunicativa da qual um dado texto faz parte, sendo que a atualização dos sentidos do texto também ocorre sob a determinação da visão e das posições desse sujeito.

Portanto, tomar o cotejo de textos como modo de compreensão de um dado enunciado significa lançar o texto ao diálogo vivo, mais do que isso, é lançá-lo novamente à rede de comunicação viva:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite) (BAKHTIN, 2011, p. 401).

Como compreende Bakhtin (2011) a partir do trecho destacado acima, cotejar aqui não é opor textos e seus respectivos elementos abstratos e intratextuais, estabelecendo um contato mecânico e técnico entre eles; em vez disso, trata-se de um encontro dialógico, uma vez que em seus horizontes e por detrás dos mesmos se colocam em contato sujeitos, suas realidades extratextuais, posições ideológicas e projetos de dizer. Assim, considerando o cotejamento como uma maneira de dar contextos a um dado texto, também nos deparamos com a diferença entre enunciado e texto, bem como entre sentido e significado (BAKHTIN, 2011). Considerando a relação entre o texto e seu contexto, podemos dizer que o enunciado se constitui como a inter-relação entre os elementos linguísticos e intratextuais da enunciação e suas condições de produção, bem como o sentido é constituído a partir dessa vinculação entre enunciado e vida, em contraposição com o significado linguístico, que diz respeito a interpretação primeira que realizamos dos signos no interior do texto.

Relacionando-se com este pressuposto, Volochínov (2013) chama atenção para o fato de que a enunciação estabelece uma relação com a situação extraverbal, necessitando da vida para fazer sentido: “Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido” (VOLOCHÍNOV 2013, p. 77). Logo, essas apreciações e valores dizem respeito ao acontecimento da vida, sendo a enunciação inseparável de seu contexto de produção, uma vez que a palavra não pode ser tomada isoladamente, pois “não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77).

Os acontecimentos da vida tornam-se signos quando recebem um valor, tornando-se objeto da produção de enunciados na interação verbal entre sujeitos e compondo o sistema de valor de uma dada comunidade. O signo como tal é sempre ideológico, uma vez que os interesses de um grupo social ganham expressão por meio da ideologia, por meio da valoração presente no signo. Por este motivo, devemos considerar não só a existência de uma ideologia dominante, oficial e hegemônica, representante dos interesses de um dado grupo social, bem como ideologias não-hegemônicas que constituem o signo ideológico, uma vez que o mesmo é plurivalente, e em seu âmbito se contrastam índices de valores contraditórios.

Volochínov [Bakhtin] (2009) destaca que dentro de uma mesma comunidade os diferentes grupos sociais fazem uso da mesma língua, isto é, de um mesmo código de comunicação, portanto, no signo se desenvolvem valores sociais diferentes, sendo o mesmo uma arena de lutas entre grupos sociais diferentes. É interessante notar que a atribuição de um valor já é constituída em uma relação de alteridade, isto é, é constituída na relação com os outros valores e sentidos, logo a valoração presente no signo ideológico, ainda que em ocasião de um silenciamento e abafamento de vozes não-hegemônicas, já compreende outros valores em disputa, pois expressa uma tomada de posição pelos sujeitos da interação.

Assim como a vida encontra-se em constante movimento e mudança, o signo ideológico também é contextualizado por essas mudanças. Cada época da sociedade institui seus objetos e acontecimentos sociais que se tornam signos ideológicos, determinados acontecimentos sociais que adentram aos sistemas sócio-ideológicos da superestrutura, como a arte, a cultura, a ciência, a religião, a mídia, etc. (VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009; VOLOCHÍNOV, 2013).

A partir disto, podemos dizer que o enunciado é marcado tanto pela situação imediata que o engatilha, bem como também é determinado pelo horizonte social de uma dada época.

Esse horizonte social determina toda e qualquer criação ideológica, uma vez que todo signo ideológico como um produto e resultado da história humana, da luta de classes e dos embates entre diferentes grupos sociais, não só reflete, como também refrata todos os acontecimentos sociais da vida que estão associados a ele. Isto é, enquanto material verbal, o signo não só reflete a vida e os acontecimentos sociais, bem como constitui uma representação, distorce a realidade como elemento eticamente valorado e alicerçado a partir de um dado ponto de vista.

Seguindo por essa constatação, temos condição para nos atentarmos para o caráter dialógico da enunciação. Bakhtin (2011) compreende o enunciado como “*real unidade* da comunicação discursiva” e ressalta o fato de que o mesmo comporta em si

[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2011, p. 297, grifos do autor).

Desta forma, todo enunciado se relaciona com outros enunciados produzidos antes dele, relacionando-se com vozes outras e outros projetos de dizer, advindos de outros sujeitos e suas diferentes posições ideológicas e lugares sociais, apresentando diferentes graus dessa heterogeneidade constitutiva do “processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 271). O enunciado uma vez fazendo parte de uma complexa rede ou cadeia de comunicação, logo, não será possível determinar a sua origem e nem fim, na medida em que continua reverberando e gerando respostas futuras.

Seguindo pela questão do caráter dialógico da enunciação, Robert Stam (2010) defende a pertinência dos conceitos bakhtinianos para pensarmos as políticas culturais dos meios de comunicação de massa, ressaltando a importância de pensarmos a mídia como um terreno complexo e conflituoso, constituído por diferentes instâncias. Ainda em Stam (2010), o autor se debruçará na análise da televisão e da sua programação:

Uma abordagem bakhtiniana veria a programação de televisão como uma “enunciação situada”. Por definição, como “enunciação”, ela está impregnada com as possibilidades comunicativas do dialogismo, mas como situada, ela é contingente, histórica, permeada tanto pela hegemonia quanto pela resistência (STAM, 2010, p. 334).

A partir do que nos diz Stam (2010), podemos considerar que a mídia e os meios de comunicação de massa como esferas constituídas tanto pela ideologia oficial e hegemônica, como pela ideologia não-oficial. E como uma “rede complexa de signos ideológicos”, de

acordo com Stam (2010), a mídia é constituída tanto pela oficialidade das vozes dominantes, logo, pelos sentidos de um grupo dominante, que a fazem pertencer aos sistemas sócio-ideológicos institucionalizados da superestrutura, como também enquanto material verbal encontra-se em circulação nas interações cotidianas e, nessa relação com a vida pode sofrer rachaduras e mudanças.

Levando em conta o atual contexto de proliferação, expansão e difusão das novas tecnologias da mídia e da informática, salvo que estas também instauram seus próprios sistemas de controle e de regulação da informação (KELLNER, 2001), torna-se urgente abordar a comunicação de massa em seu caráter dialógico. Como propõe Douglas Kellner,

Portanto, enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso. Conseqüentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e forças sociais concorrentes que a constituem [...] (KELLNER, 2001, p. 27).

Diante disto, podemos considerar a própria mídia de massa como uma arena de lutas, na qual estão em embate diferentes valores, discursos e grupos sociais, sendo proveitoso em certa medida, desvencilhar-nos de uma visão pessimista que conceberia os meios de comunicação como os algozes da manipulação, meros transmissores dos valores das classes dominantes para as classes dominadas. Enquanto participante dos conflitos sociais e composta por múltiplas instâncias e produções culturais (cada qual com seu funcionamento específico), é que a mídia de massa e seus produtos devem ser compreendidos em sua relação com a vida, como uma esfera participante do diálogo social vivo.

Assim, podemos dizer que tais reflexões nos dá condição para compreender a telenovela *Lado e Lado* (Rede Globo, 2012) e sua relação com o contexto social e político do ano de 2012, tomado aqui pelo debate sobre Ações Afirmativas, tendo em vista que o discurso sobre racismo e as desigualdades raciais na sociedade brasileira que adentram a esfera da comunicação midiática só pode ganhar sentido a partir da relação que a obra televisiva estabelece com as lutas travadas na vida.

## **A relação entre vida e arte como constituinte da telenovela brasileira**

Podemos considerar a telenovela como o carro chefe da indústria cultural audiovisual brasileira, consolidando-se como seu maior produto de exportação, sendo evidente o seu reconhecimento popular, lucratividade e impacto na sociedade contemporânea. A telenovela, como conhecemos hoje, estabelece-se na América Latina entre as décadas de 60 e 70, e neste aspecto, convém pensarmos na consolidação de seu formato enquanto gênero intimamente constituído pela sua relação com a vida e com as questões sociais em voga durante o período de sua exibição.

Primeiramente, é importante considerarmos que a televisão, ainda nos dias atuais, é um dos principais elos sociais brasileiro, meio de comunicação acessado tanto pelas classes populares quanto pelas elites, principal espaço, vitrine, e parâmetro de representação e reconhecimento dos sujeitos na constituição de suas identidades. Para a grande maioria de sua audiência, a televisão é um dos únicos acessos a outras manifestações culturais, funcionando como um referencial de mundo, consolidando rituais e fixando pautas, logo, possui um grande potencial educativo, e sobretudo, porque impulsiona um sentimento de pertencimento a um grupo e/ou comunidade (SILVA, 2013).

Podemos dizer que tais aspectos se devem ao fato de que a televisão, de um modo geral, possui a capacidade de penetração intensa na sociedade por meio de sua contribuição para um determinado “repertório comum” que se estabelece como a base de representações de uma nação idealizada ou comunidade nacional imaginada a qual este meio de comunicação consolida, reproduz e também atualiza, logo, longe de veicular significados consensuais e hegemônicos, podemos dizer que a relação entre a televisão e sua audiência se faz sob uma luta constante pelos sentidos (LOPES, 2002; LOPES 2003).

A televisão brasileira tem a telenovela como seu principal produto, e é por seu modo de estruturar e representar o cotidiano nacional e por seu constante diálogo vivo com os acontecimentos e tendências do presente, além de uma constante evolução de seu aparato tecnológico e audiovisual, impulsionada por um regime de verossimilhança e “naturalização” de suas histórias para atrair cada vez mais seu público, que a telenovela no país se consolida como um produto genuinamente brasileiro (MOTTER, 2000), se destacando das demais produções no exterior, o que permite que hoje seja encarada como elemento central nos debates sobre cultura e identidade brasileira (LOPES, 2002).

Podemos dizer que esse movimento que parte cada vez mais de uma ficcionalidade para uma “cotidianização” (MARQUES, LOPES, LISBÔA FILHO, 2011), se inicia nos fins dos anos 60 e início dos 70, quando a telenovela se desenvencilha do estilo latino-americano de “dramalhões” mais “fantasiosos” e distantes da realidade brasileira (SILVA, 2013; LOPES, 2002), mudando suas temáticas para enredos mais realistas do cotidiano brasileiro. Determinados padrões e receitas são adotados a partir daí, sendo convencionalizado que cada produção deveria apresentar “novidades”, calcando-se sempre em uma representação de contemporaneidade e em consonância com o tempo de sua veiculação, sendo demonstrado em termos da moda, uso das tecnologias, consumo de produtos e remetendo aos acontecimentos da vida.

Sem nunca perder de vista a sua base, isto é, ainda ter como base a narrativa da família e da vida privada, paradoxalmente, a telenovela se fortalece como um potencial fórum de debates no espaço público, representando no âmbito doméstico desdobramentos de questões públicas e trazendo para a superfície do espaço público, problemáticas da vida privada.

Neste seguimento, podemos pensar em uma constante dinamicidade e relação dialógica que se trava entre a realidade e a telenovela, relação na qual a vida dá sentidos à ficção e a ficção dá sentidos aos acontecimentos da vida. Desse modo, podemos dizer que a telenovela responde de alguma maneira a questões que estão se dando no tecido social em seu momento de veiculação, sendo que essa projeção de questões e pautas destacadas da vida, no entanto, pode e deve ser encarada em caráter de seleção de temáticas: “A novela dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as interseções entre a vida pública e a vida privada” (LOPES, 2002, p. 3). As temáticas pautadas pela telenovela, e a própria obra como um todo, usufruem de grande credibilidade e legitimidade e são tidas como o próprio reflexo do cotidiano e da realidade nacional, e uma vez pautando questões que já podem estar circulando no espaço público e em outros meios de comunicação de massa, passa a ter seu valor de verdade perante a sociedade ainda mais potencializado.

Assim, a vida pode dar o tom à narrativa da telenovela, ao mesmo tempo que a obra pode estimular a emergência de questões e assuntos a serem discutidos na vida, sendo uma instância importante de influência em debates públicos sobre questões políticas e sociais, e polêmicas nacionais.



Podemos dizer que tais traços da telenovela brasileira nos permitem considerá-la como uma obra aberta e dialógica, apresentando uma certa “permeabilidade à atualidade”, como pontua Martín Barbero (2009). E como gênero que se modifica segundo as reações de seu interlocutor, as instâncias de produção, exibição e recepção da telenovela acontecem quase em caráter de simultaneidade: a obra ficcional é escrita, gravada e produzida, e assistida ao mesmo tempo (SILVA, 2013).

Como sugere Lopes (2003), as telenovelas não são muito bem definidas em termos ideológicos, no entanto, é sintomático seu tom em favor de um discurso progressista, que se aproxima de uma defesa da diversidade. Portanto, segundo a autora, comumente a narrativa se encaminha para uma aceitação das diferenças ao retratar novos arranjos familiares, independência feminina, preconceitos e discriminações, etc., essa característica talvez em razão de sempre se encaminhar para um final feliz.

Retomando a teoria bakhtiniana, podemos considerar que a telenovela, bem como todos os tipos de comunicação verbal, e sobretudo, como enunciação é determinada pelo horizonte ideológico que a circunda, refletindo e refratando o cotidiano nacional (VOLOCHÍNOV [BAKHTIN], 2009; MEDVIÉDEV, 2012). Assim sendo, tendo em conta essa relação entre vida e arte que pode ser compreendida nas telenovelas, sobretudo, na constituição da telenovela brasileira, que é possível encarar a obra *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) como um potencial espaço constituído pelas questões sociais proeminentes no ano de 2012.

### **A telenovela *Lado a Lado* e as desigualdades raciais no passado, presente e futuro do Brasil**

A telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) foi produzida e transmitida pela Rede Globo de Televisão no período entre setembro de 2012 e março de 2013. Foi veiculada dentro da programação como novela das seis, logo, exibida às 18h25 de segunda a sábado, e teve como cenário para sua história a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX (com a primeira fase ambientada no ano de 1903 e a segunda no ano de 1910). Escrita por Cláudia Lage e João Ximenes Braga, a trama tinha como principal contexto o período de recente abolição formal da escravidão e os primeiros anos da república, retratando as transformações sociais e políticas na capital do Brasil na época, e alguns fatos históricos importantes do país.

É importante pontuar que o contexto descrito acima não funciona apenas como pano de fundo para a história, isto é, os acontecimentos retratados da história do Brasil influem diretamente na vida das personagens. Desse modo, a narrativa se centrava na história de duas amigas, ambas de grupos sociais distintos: Isabel e Laura.

Isabel é empregada doméstica e filha de um ex-escravo. Trabalha desde os 14 anos na casa de uma rica senhora francesa da elite, Madame Besançon, com quem aprende a ler, escrever e a falar francês, sendo uma exceção no seu grupo social. Mora com o pai Afonso em um cortiço da cidade, escravo liberto e que desempenha o ofício de barbeiro, ajudando-o no sustento da casa. É romântica e honesta, e sonha com um futuro melhor e em se casar com seu grande amor, seu noivo Zé Maria. Zé Maria trabalha com Afonso na barbearia, e também é filho de escravos libertos e capoeirista, sofrendo com perseguições da polícia, uma vez que a capoeira no período é considerada crime pelo Código Penal. Com muita consciência de seus direitos e de sua história, Zé Maria possui o espírito revolucionário e incorruptível, falando com coragem contra as injustiças cometidas aos negros e pobres na história.

Já Laura é filha de ex-barões do café e ex-senhores de escravos, uma família que se vê em crise financeira em decorrência do fim do Império e da escravatura. É obrigada pela mãe, Constância, ex-baronesa ressentida e saudosa dos tempos da monarquia e da escravidão, a se casar sem amor com Edgar, filho do senador e rico industrial Bonifácio, como uma maneira de a família recuperar seu poder político e econômico no novo regime. Pensando a frente de seu tempo, e sempre em conflito com a mãe, Laura busca a independência e não aceita o lugar dado à mulher na sociedade, sonhando em continuar seus estudos e trabalhar fora como professora. Laura casa-se com Edgar a contragosto, por quem acaba se apaixonando com o passar do tempo durante a vida de casados, uma vez que o rapaz compartilha de seus ideais feministas. Edgar se formou em Direito, morando muitos anos em Portugal, trabalha com o pai, o senador Bonifácio na indústria da família, coloca-se contra as injustiças sociais cometidas pelo governo para com a população mais pobre, compartilhando das mesmas ideias progressistas de Laura.

Assim, a telenovela tem como narrativa principal os conflitos e desencontros amorosos enfrentados pelos dois casais protagonistas (Isabel e Zé Maria; Laura e Edgar), ambos se posicionando de alguma forma a frente de seu tempo, retratando suas lutas pela independência feminina, contra o machismo, o racismo, exclusão social dos negros e mais pobres, e na defesa das manifestações culturais afro-brasileiras.

Neste seguimento, podemos dizer que um conflito constante em *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) trata-se de uma oposição geracional, entre personagens com ideias mais progressistas, em sua maioria mais jovens, e personagens mais retrógrados, adeptos dos velhos costumes, saudosistas da velha ordem e organização social de outrora (Monarquia, escravidão, submissão da mulher, etc.), que se contrapõem às personagens entusiastas do novo século e das mudanças sociais. Daí que signos como “novo século” e “novos tempos” são sempre retomados pelas personagens em enunciados e expressões como: “é o novo século”; “já estamos no século XX”; “novo mundo”; “os tempos estão mudando”.

*Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) dá muito destaque aos fatos históricos mais importantes da época que retrata, que contam com a participação ativa de suas personagens: consolidação recente da República, demonstrando as novas relações entre povo e Estado no novo regime; as revoltas populares como a Revolta da Vacina e a Revolta da Chibata; o “Bota-Abaixo” na cidade do Rio de Janeiro do início do século XIX, processo de derrubada de cortiços, habitações de muitas famílias pobres (a maioria formada por ex-escravos, filhos de escravos, soldados, imigrantes) tidas como foco de doenças devido à falta de saneamento básico, como parte da urbanização e modernização, que contava ainda com a construção de avenidas, prédios com arquitetura europeia, chegada da energia elétrica nas ruas, expansão de linhas de bonde que visavam aproximar a cidade de Paris, movimento conhecido como Belle Époque (1871-1914); a Belle Époque ainda foi retratada nos costumes da elite, em termos de moda, estabelecimentos comerciais, consumo de produtos europeus, o tipo de dança e música legitimadas socialmente, os padrões de civilidade e sociabilidade, além das práticas higienistas que visavam a limpeza da cidade e o ideal de branqueamento com o enaltecimento da imigração europeia que se iniciava; a formação das primeiras favelas e periferias do Rio de Janeiro a partir da população negra e pobre expulsa dos cortiços do centro da cidade, como o Morro da Providência, no qual a família e amigos de Isabel e Zé Maria vão morar após o “Bota-Abaixo”; proibição e criminalização da capoeira e os cultos do candomblé, religião de matriz africana; estigmatização e surgimento do samba e do carnaval de rua, manifestações culturais associadas aos negros e pobres; a chegada do futebol no Brasil e o racismo, e a criação dos primeiros times de futebol carioca como o Botafogo e Fluminense; invenções como a fotografia, o cinematógrafo, primeiros automóveis na cidade.

Desse modo, podemos considerar que ao mesmo tempo em que *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) trata-se de uma ficção de época, a obra também retoma fatos históricos

específicos e verídicos, logo, os acontecimentos reais são vistos dentro do âmbito das vidas de personagens ficcionais. Neste aspecto, é interessante notar que a novela, ao recuperar os fatos históricos e representar a história do país, ressignifica esses acontecimentos, mobilizando uma memória coletiva e retomando alguns mitos, sobretudo, sobre a construção e formação da cultura brasileira. Apesar de ressignificar alguns acontecimentos de nossa história, também reafirma algumas representações e uma certa identidade brasileira ou ainda um modo de ser do brasileiro, estabelecendo alguns paralelos com o tempo presente.

Esse jogo entre passado e presente pode ser compreendido em algumas “projeções” que a obra faz do Brasil de hoje, no caso, o Brasil de 2012, mobilizando uma certa brasilidade e identidade nacional, bem como alguns costumes e vícios:

i) Corrupção

Fernando: Eu sou filho de um corrupto.

Umberto: E isso lá é vergonha nesse país? (REDE GLOBO, 2012)<sup>3</sup>.

ii) Brasil como “país do futebol”

Fernando: [...] quem sabe no futuro o Brasil não se torne o país do football? (REDE GLOBO, 2012)<sup>4</sup>.

iii) Samba como patrimônio cultural brasileiro

Constância: [...] o tal do samba, imagine Celinha se essa batucada de africanos, de macumbeiros, algum dia vai ter qualquer importância para o Brasil? (REDE GLOBO, 2012)<sup>5</sup>.

iv) Ineficiência de serviços públicos

Bonifácio: [...] se eu não soubesse que esse país é desorganizado [...] (REDE GLOBO, 2012)<sup>6</sup>.

A retomada desses signos que caracterizam simbolicamente a identidade brasileira aproxima a telenovela do tempo presente, em que esses dizeres circulam e reverberam sentidos, muito embora possamos dizer que ao mesmo tempo que retoma esses dizeres, ressignifica os mesmos, isso porque os contextualiza como constituinte do pensamento da sociedade brasileira já no início do século XX.

---

<sup>3</sup> Cena exibida em 09/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2180702/> > Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>4</sup> Cena exibida em 20/09/2012 e disponível em < <http://globoplay.globo.com/v/2149376/> > Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>5</sup> Cena exibida em 10/09/2012 e disponível em < <http://globoplay.globo.com/v/2132133/> > Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>6</sup> Cena exibida em 06/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2175897/> > Acesso em fevereiro de 2018.

Ainda sobre a relação de *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) com o presente e sua potencialidade de mobilizar questões atuais, podemos destacar a cena em que a protagonista Laura, após se divorciar de Edgar e carregar o estigma social de “mulher divorciada”, sofre uma tentativa de abuso sexual pelo senador Laranjeiras. A cena recebeu críticas positivas do movimento feminista em 2013<sup>7</sup>, sobretudo por conta do forte posicionamento da personagem diante do abuso que sofreu, o qual podemos destacar o seguinte trecho: “[...] eu não acredito, o marido dessa senhora que me atacou, me agrediu e eu tenho que sair acuada como se tivesse cometido um crime?” (REDE GLOBO, 2012)<sup>8</sup>.

De fato, *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) enuncia-se como a história dos avanços do presente, dos direitos adquiridos que possuímos nos dias atuais, sentidos que podemos depreender de uma de suas propagandas. Transmitida antes da estreia da novela, a peça publicitária em questão traz um conjunto de imagens históricas (verídicas e fictícias), as quais estão recuperando os seguintes movimentos sociais e transformações sociais: o movimento “caras pintadas” de *impeachment* do presidente Fernando Collor, movimento hippie e de contracultura dos Estados Unidos, movimento de direitos civis dos negros nos Estados Unidos, a inserção da mulher no mercado de trabalho. Cada uma dessas cenas aparece com os seguintes dizeres escritos nas imagens: “Liberdade para trabalhar”; “Liberdade para se expressar”; “Liberdade para amar”; “Liberdade para viver”. A última cena que encerra a propaganda trata-se da imagem dos dois casais protagonistas da novela (Laura e Edgar, Zé Maria e Isabel), concomitantemente sob o texto proferido por um narrador: “em cada época uma luta, mas houve um tempo que marcou pra sempre nossa história”<sup>9</sup>.

Passando ao foco de nossa análise, a saber, as questões raciais, é importante refletirmos sobre a representatividade negra na trama, assim como acerca do enquadramento que os problemas enfrentados por esse grupo social é realizado. No que se refere aos sentidos da marginalização e do racismo estrutural, essas desigualdades são valoradas pela telenovela como “manchas” da escravatura, como podemos compreender a partir da fala da personagem Isabel:

---

<sup>7</sup> Artigo sobre a cena no blog “Blogueiras feministas” < <http://blogueirasfeministas.com/2013/01/estupro-em-lado-a-lado-aula-de-feminismo-e-boa-dramaturgia/> > Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>8</sup> Cena exibida em 12/01/2013 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2342313/> > Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>9</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=wk3PTMp3KPY> > Acesso em fevereiro de 2018.

(1) Isabel: E eu quero muito crescer [...] o Brasil ainda vai demorar muito tempo pra apagar **as manchas da escravidão**, eu sei que aqui eu não tenho muita chance (REDE GLOBO, 2012, grifos meus)<sup>10</sup>.

Nesse sentido, podemos compreender as personagens negras como sujeitos engajados contra a desigualdade racial, posicionando-se contra o racismo que vivenciam, bem como demonstrando orgulho e consciência das contribuições da cultura africana e afro-brasileira para o Brasil. Como exemplo desse engajamento negro, tomemos uma fala da personagem Zé Maria:

(2) Zé Maria: Elias, Olavo [...] eu sei o que foi que vocês passaram ontem, isso aí tem nome, sobrenome e data de nascimento: **racismo, preconceito**. Na época da escravidão, os meus avós, os seus bisavós foram trazidos para o Brasil à força. A gente lutou muito até conquistar a nossa liberdade, **mas ainda falta muito até a gente conseguir respeito** [...] (REDE GLOBO, 2013, grifos meus)<sup>11</sup>.

No excerto acima (2), Zé Maria conversa com as personagens Elias e Olavo, crianças negras e moradoras do Morro da Providência, após uma situação de racismo que as mesmas sofreram. É importante destacar que a palavra “racismo” é enunciada por Zé Maria, em uma relação de paráfrase com “preconceito”. Tendo em vista o contexto brasileiro, em que falar da existência de racismo, palavra que muitas vezes é “atenuada” no cotidiano por signos como “discriminação”, “preconceito”, sendo um assunto em disputa e um tabu, tal uso na telenovela opera um importante deslocamento.

É válido lembrarmos que o termo “racismo” impulsiona polêmicas justamente porque advém da palavra “raça”, noção abolida pela ciência. Neste aspecto, é importante compreender a noção de racismo, bem como a ideia de raça, como conceitos modernos, com origem no início do século XX. Assim, no período anterior de colonização europeia, podemos entender que a dominação do homem branco europeu sobre outros grupos étnicos se dá por meio das diferenças de credo. Portanto, o racialismo e o racismo, isto é, a ideia de divisão dos seres humanos entre raças superiores e inferiores, surge enquanto um conceito biológico institucionalizado a partir do século XX, a partir do discurso legitimado das ciências naturais e biológicas. No mundo contemporâneo, sobretudo em decorrência dos horrores produzidos pelo nazismo alemão e pelas políticas de eugenia, trata-se de um consenso entre estudiosos a

---

<sup>10</sup> Cena exibida em 05/11/2012 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2226273/>> Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>11</sup> Cena exibida em 11/01/2013 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2340739/>> Acesso em fevereiro de 2017.

abolição da noção de raça enquanto fato biológico. No entanto, a noção de raça e de racismo pode ser entendida como construções sociais, como nos diz Hall (1997a; 1997b), um signo vazio que por não possuir elementos ou atributos essenciais pode ser contextualmente significada, sendo o racismo um tipo de discurso. Assim, há de se considerar, sobretudo no Brasil, que a relação entre negros e brancos ainda é construída sob os sentidos que foram ligados a noção de “raça” no passado, isto é, os efeitos produzidos por esse discurso são constituintes das relações entre negros e brancos, bem como são reproduzidos por diferentes instituições, gerando desigualdades e violências. Como um país constituído fortemente sob os pilares do mito da democracia racial, discurso a partir do qual a miscigenação opera como um argumento para a negação das desigualdades raciais, falar sobre a existência de racismo na sociedade brasileira implica necessariamente pressupor a existência dessa opressão e desigualdade.

Ainda no excerto (2), o racismo sofrido por Elias e Olavo (no presente, logo no ano de 1910) pode ser compreendido como um resultado da escravatura, sendo denotado por Zé Maria a luta negra pela liberdade, e a persistente falta de respeito e de uma vida digna aos descendentes dos povos escravizados. O trecho “[...] mas ainda falta muito até a gente conseguir respeito [...]”, como frase conjugada no tempo presente, também pode ser localizada em 2012, ano de exibição da telenovela. Sobre essas relações com o presente no tocante às questões raciais, vale destacar que a obra foi escolhida premiada pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) em 2013, na sétima edição do Prêmio Camélia da Liberdade, vencendo na categoria “Veículo de Comunicação”, por retratar as condições da população negra após a abolição da escravidão, trazendo reflexões sobre o tempo presente e a situação atual do negro no Brasil.

E seguindo o caminho proposto por Bakhtin (2011) e lançando mão do cotejamento para compreender profundamente o discurso de *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012), a obra pode ser contextualizada e compreendida a partir da agenda política do país de 2012, que foi marcada pelo debate de Ações Afirmativas<sup>12</sup> ou cotas raciais que ocorria em 2012.

---

<sup>12</sup> Podemos compreender como Ações Afirmativas medidas focais, de caráter compensatório, que possuem como principal objetivo corrigir desigualdades e permitir o acesso de grupos sociais e minorias historicamente discriminadas à educação, trabalho, saúde, bens materiais, bem como sua inserção em redes de proteção social e/ou reconhecimento e valorização social e cultural, sendo o seu formato mais difundido o sistema de cotas, que versa que um determinado seguimento populacional ou grupo social deve ocupar uma dada percentagem em um determinado espaço. Assim, o termo “ação afirmativa” pode circular socialmente apresentando uma variedade de sentidos e sob várias formas, podendo assumir diferentes recortes e clivagens sociais, abarcando questões raciais

Deste modo, tomamos o debate de Ações Afirmativas aqui como um contexto de produção de enunciados, um período marcado pela emergência de dizeres e embates na sociedade brasileira acerca da existência de desigualdades raciais entre negros e brancos, a partir da retomada da ideia do prejuízo histórico e marginalização sistemática da população negra.

Assim, esse período é marcado pela constituição de um debate público catapultado pelo julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) acerca da suposta inconstitucionalidade do sistema de cotas implementado pela Universidade de Brasília (Unb)<sup>13</sup>, baseado em critérios raciais, política que é alvo de uma ação movida pelo Partido Democratas (DEM). Em setembro de 2009, o DEM ajuizou no Supremo Tribunal Federal (STF) a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADF) nº 186, questionando judicialmente a política de Ações Afirmativas da Unb, por meio de um sistema de cotas. O Julgamento da ADF ocorreu nos dias 25 e 26 de abril de 2012, e a ADF, movida pelo DEM, foi considerada improcedente pelos juízes do STF (com votação unânime dos dez juízes). Ainda em 2012, como um dos desdobramentos do julgamento temos a aprovação da Lei Nº 12.711 (Lei de Cotas), que prevê a obrigatoriedade da reserva de vagas para estudantes indígenas, pretos e pardos em estabelecimentos federais de ensino superior e técnico.

Tendo em vista esse contexto e de modo a pensarmos a telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) como tendo sentido completo a partir de sua relação com a vida, senda marcada pelo horizonte social que a circunda, proponho analisarmos a constituição dos sentidos a partir do signo “cicatriz”. Tomando a constituição de sentidos e valores de “cicatriz” na telenovela, observemos o seguinte diálogo entre Laura e Edgar:

- (3) Laura: **É incrível, a escravidão acabou há vinte e dois anos e as pessoas ainda olham pros negros da mesma forma, como se nunca fossem bem vindos em lugar em nenhum.**  
Edgar: **A não ser pra servir.**  
Laura: **Como se estivessem sempre sob suspeita.**

---

e étnicas, de gênero, mobilidade, etc. (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, 2011. Disponível em <[http://gema.iesp.uerj.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&layout=item&id=1&Itemid=217](http://gema.iesp.uerj.br/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=1&Itemid=217)> Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>13</sup> Tomando a luta por cotas raciais empreendida pela militância negra, podemos dizer, de acordo com Santos (2014), que os movimentos sociais negros brasileiros já na primeira metade da década de 1940, se colocavam na luta por medidas compensatórias, tendo a educação como pauta central. Neste sentido, convém também ressaltarmos o movimento social negro brasileiro como um conjunto heterogêneo de entidades, tendo em suas demandas alguns pontos de intersecção na luta por igualdade racial. Assim, um desses caminhos para a igualdade racial foi a conquista pela educação formal e de políticas públicas aliadas com a diversidade étnico-racial.



Edgar: **Como se fossem uma eterna ameaça.**

Laura: Mas eles que sofreram a violência. Edgar, a Isabel me falou que contava as **cicatrizes** nas costas do pai quando era pequena [...] a Madre não pensa nisso? Não, não só a Madre, ninguém?

Edgar: Só não esquece, Laura, **quem tem a cicatriz no corpo**, como o seu Afonso, o Zé Maria ... (REDE GLOBO, 2012, grifos meus)<sup>14</sup>.

Na cena (3) acima, Laura e Edgar refletem sobre o preconceito sofrido pela amiga Isabel por parte da Madre superiora do colégio em que trabalha. A partir do preconceito e racismo sofrido por Isabel, Laura e Edgar denotam a discriminação enfrentada pela população negra, sendo que a mesma é significada como um desdobramento dos tempos de escravatura. Assim, o olhar social para os negros ainda é o mesmo, em 1910 (segunda fase da novela, na qual ocorre a interação entre Laura e Edgar) e em 2012 (uma vez que os sentidos da telenovela extrapola potencialmente a época retratada).

Esse olhar social para os negros descrito por Laura é consolidado por séculos da estrutura social da escravatura, que por sua vez foi legitimada por discurso racista, produz efeitos e sentidos que estão na base de estereótipos, como denotado pelas personagens (“negros só para servir e sempre sob suspeita”).

A partir dessa compreensão, podemos refletir sobre a potencial relação polissêmica da palavra “cicatriz”, que pode se referir às cicatrizes deixadas nos corpos dos ex-escravos pela violência escravagista e pelo estigma social e simbólico que carrega a negritude. O signo “cicatriz” também está presente no posicionamento do juiz Luiz Fux, em ocasião do julgamento do STF sobre a constitucionalidade das Ações Afirmativas em 2012:

(4) A opressão racial da sociedade escravista brasileira deixou **cicatrizes** que se refletem na diferenciação de afrodescendentes (...) argumentou o juiz Luiz Fux” (Portal “Exame.com”, “Cotas em universidades não alimentam racismo, decidem juízes”, notícia veiculada em 10 de agosto de 2012, grifos meus)<sup>15</sup>.

Voltando nossa atenção para o posicionamento do juiz Luiz Fux (4), podemos dizer que o signo “cicatriz” também é valorado como uma “marca”, um estigma social resultado da sociedade escravista e que determina a discriminação sofrida por afrodescendentes. E a partir da relação entre enunciado e vida, podemos refletir acerca do significado linguístico da

---

<sup>14</sup> Cena exibida em 28/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2262379/> > Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>15</sup> Texto disponível em < <http://exame.abril.com.br/brasil/a-adocao-das-cotas-em-universidades-e-vitoria-para-negros/> > Acesso em fevereiro de 2018.

palavra “cicatriz”, a partir do qual é interessante ressaltar a sua acepção enquanto uma “marca” deixada por um ferimento, ou ainda por um dano e prejuízo.

Portanto, considerando a relação entre a telenovela e seu contexto de exibição e produção, entre a arte e a vida, podemos considerar que *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) tem seus sentidos expandidos, na medida em que estabelece relação com o discurso de defesa das Ações Afirmativas. Neste aspecto, é que podemos dizer, no caso da análise de “cicatriz”, que na novela, o signo está relacionado com as marcas da violência, da escravidão na pele de escravos, latentes de um passado ainda muito recente em 1910 (20 anos de abolição), e portanto, um sentido mais restrito, enquanto que pensada na relação com o debate, a cicatriz ganha um sentido metafórico, significado como uma reverberação do prejuízo histórico vivido pelos afrodescendentes no tempo presente.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista a inter-relação entre vida e arte na constituição dos sentidos de *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012), podemos dizer que o gesto do cotejo entre os enunciados nos permite compreendê-los em relação, partindo do pressuposto de que a telenovela é contextualizada pelo ano de 2012, e que os sentidos de seu discurso se alargam quando a mesma é compreendida em relação com a agenda social e política do debate racial de 2012, representado aqui pelo debate de Ações Afirmativas. O cotejo, assim, nos permite ir além, estabelecer os paralelos entre as duas instâncias de produção verbal, e compreender o modo como telenovela diz, a maneira como retrata as desigualdades raciais no início do século XX, estabelecendo pontes enunciativas com o discurso sobre racismo em 2012.

Neste aspecto e sem perder de vista a perspectiva bakhtiniana, é importante destacar que ao considerarmos a relação entre vida e arte, torna-se importante compreender a telenovela dentro de uma situação extra-verbal bem mais ampla, na esteira de suas especificidades e funcionamento enquanto gênero do discurso e produto de uma indústria cultural, que se caracteriza e ritualiza-se por sua permeabilidade à atualidade. Do mesmo modo, as discussões sobre o racismo e as desigualdades raciais que toma conta da agenda política do Brasil no contexto do debate sobre as cotas raciais de 2012, se faz a partir das lutas históricas do movimento social negro desde a abolição da escravatura, que por meio de políticas públicas como as Ações Afirmativas, exige do Estado o compromisso com o combate à discriminação.

É levando em conta esses percursos históricos, tanto na esfera da vida como na esfera da arte, que podemos considerar a telenovela *Lado a Lado* (Rede Globo, 2012) como obra contextualizada pelas mudanças sociais, que reflete os embates sociais, justamente porque materializa os valores em disputa acerca do racismo e da desigualdade racial, bem como os refrata, porque como enunciado possui uma dimensão avaliativa, ressignificando o período pós-abolição.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Trad. Paulo Bezerra. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 6ª ed., 2011.
- GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA (GEMAA). Disponível em < <http://gema.iesp.uerj.br/> > Acesso em fevereiro de 2018.
- HALL, Stuart. “Race, a Floating Signifier”. Media Education Foundation. Transcrição de palestra. 1997a. Disponível em < <http://www.mediaed.org/transcripts/Stuart-Hall-Race-the-Floating-Signifier-Transcript.pdf> > Acesso em maio de 2018.
- HALL, Stuart. “The Spectacle of the ‘Other’”. In: HALL, Stuart. (org.) *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage/Open University, 1997b.
- KELLNER, Douglas. Trad. Ivone Castilho Benedetti. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MARQUES, D. P., LOPES, I. G., LISBÔA FILHO, F. F. *Percursos e características da telenovela brasileira*. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Audiovisual, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011. Disponível em < [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011/1/artigos/Percursos%20e%20caracteristicas%20da%20telenovela%20brasileira.pdf/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011/1/artigos/Percursos%20e%20caracteristicas%20da%20telenovela%20brasileira.pdf/at_download/file) > Acesso em fevereiro de 2018.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, 6ª ed.
- MEDVIÉDEV, P. M. Trad. Ekaterina Vólkova Américo & Sheila Camargo Grillo. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOTTER, Maria Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. In: *Revista USP*, São Paulo, nº 48, 2000, p. 74-87. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32893> > Acesso em fevereiro de 2018.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Narrativas televisivas e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira*. Trabalho apresentado no NP14 – Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, 2002. Disponível em < [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP14LOPES.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14LOPES.pdf) > Acesso em fevereiro de 2018.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela Brasileira: Uma narrativa sobre a nação. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, (26): 17 a 34, jan./abr. 2003. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469> > Acesso em fevereiro de 2018.
- SANTOS, Sales Augusto dos. Ações Afirmativas nos Governos FHC e Lula: um Balanço. In: *Tomo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Federal de*

Sergipe. n. 24 jan./jun, 2014. Disponível em <  
<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/3185>> Acesso em fevereiro de 2018.

SIANI, Ana Carolina. *Entre transgressões e consensos: a relação entre ética e estética no caso da telenovela “Lado a Lado” no âmbito do debate sobre ações afirmativas no ano de 2012*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos, 2017. Disponível em <  
<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8792?show=full>> Acesso em maio de 2018.

SILVA, Lourdes. *Melodrama e telenovela: dimensões históricas de um gênero/formato*. Minas Gerais: Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, 2013. Disponível em <  
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/melodrama-e-telenovela-dimensoes-historica-de-um-genero-formato>> Acesso em fevereiro de 2018.

STAM, Robert. Bakhtin e a crítica Midiática. In: RIBEIRO, A. P. G., SACRAMENTO, I. *Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 331-357.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch [BAKHTIN, Mikhail]. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 13ª ed., 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. Trad. João Wanderley Geraldi. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.**

**Artigo aceito em maio de 2018.**